



Anarquismo e a Greve Geral

Iain Mckay

**Danças das Idéias
2025**

Anarquismo e a Greve Geral

Iain Mckay

Danças das Ideias
2025

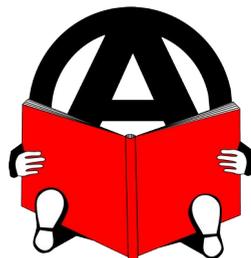
Edição original:

Anarchism and the General Strike

Iain Mckay

2023

Fonte: An account of the General Strike in Anarchism as expressed in both theory and practice as well as the interaction between the two. It appeared in Black Flag Anarchist Review Vol. 3. No. 1 (Spring 2023) and long with articles by leading anarchists on both the theory and the practice of the General Strike from 1873 to 1935.



tradução livre por Dança das Idéias
revisão Fenikso Nigra
diagramação Barricada Libertária
Campinas/SP-Brasil, 2025

<https://anarkio.net>
e-mail: lobo@riseup.net



Anarquismo e a Greve Geral

Precusores do Anarquismo Revolucionário	07
A ala federalista da Primeira Internacional	09
De 1877 a 1886 – Desenvolvimentos em dois continentes	13
A greve dos estivadores de Londres de 1889 e depois	18
1905 e depois	23
Desenvolvimentos dentro do Sindicalismo Revolucionário	29
Conclusões	32
Bibliografia	35

Anarquismo e a Greve Geral

Não foi preciso a aparição de anarquistas para inventar a ideia de uma greve geral. Ela foi produto – como grande parte do próprio anarquismo – dos próprios trabalhadores. Assim, na Grã-Bretanha, a popularização da ideia de greve geral é geralmente atribuída a William Benbow (1784-1841), que participou da União Nacional das Classes Trabalhadoras e propôs um "Grande Feriado Nacional" – um mês de folga do trabalho – em 1832. Posteriormente, foi adotado pelo Congresso Cartista de 1839, enquanto em 1842 uma greve geral eclodiu em toda a Grã-Bretanha. [1]

Portanto, não pense que estamos tentando sugerir que os anarquistas inventaram a greve geral. Aqui, estamos simplesmente tentando resumir o nascimento e o desenvolvimento das perspectivas anarquistas sobre a greve geral e desmistificar certos mitos ou corrigir certos mal-entendidos. Não apresentaremos uma história abrangente das greves gerais, mas nos limitaremos a discutir os anarquistas e sua visão da greve geral como uma tática para a mudança social. Mencionaremos, é claro, ondas grevistas específicas, pois estas fundamentaram a defesa anarquista da tática, bem como confirmaram a correção dessa posição.

Primeiro, porém, precisamos esclarecer o que queremos dizer com “greve geral”, pois ela varia consideravelmente tanto na prática quanto na teoria.

Em termos práticos, uma "greve geral" abrange uma gama de possibilidades. Pode variar em extensão, de uma cidade a uma região, a uma nação e, potencialmente, a ter um escopo internacional. Pode abranger um único setor ou indústria, muitos ou até mesmo todos. Pode ser planejada (convocada para um dia específico por um sindicato ou partido, como a Greve Geral Britânica de 1926) ou espontânea (como a Grande Greve de 1877 nos Estados Unidos) ou uma combinação de ambos (como o Movimento das Oito Horas Americano de 1886). Pode ser por reformas (pela Jornada das Oito Horas ou pelo sufrágio universal), por solidariedade (pela libertação de prisioneiros ou apoio a outros trabalhadores), por defesa contra a reação (como contra o Putsh de Kappa de 1920) ou por revolução social.

Da mesma forma, se a greve geral pode assumir muitas formas, a teoria a ela associada também pode: a forma como é concebida pode variar de defensor para

defensor, de grupo para grupo. Isso significa que alguns (como sindicalistas industriais e alguns sindicalistas revolucionários) podem vê-la simplesmente como um caso de "cruzar os braços" a partir de um dia combinado até que a classe capitalista concorde com a demanda pela entrega de sua propriedade. Para outros (anarquistas revolucionários e a maioria dos sindicalistas), ela é vista como um desenvolvimento de greves parciais para se tornar o ponto de partida para uma expropriação geral e insurreição. As perspectivas também podem variar ao longo do tempo, com certos grupos inicialmente apoiando uma versão da greve geral, mas com o tempo passando a defender outra (a CGT sindicalista revolucionária francesa é um exemplo disso). Isso significa que certas críticas à "greve geral" podem ser simplesmente irrelevantes (ou seja, não abordam a perspectiva de seus defensores) ou, na melhor das hipóteses, desatualizadas (ou seja, abordam uma posição anteriormente defendida, mas agora rejeitada por uma diferente).

Como ficará claro, os anarquistas geralmente se concentram em discutir o que é necessário para transformar uma onda de greves em uma greve geral e, em seguida, em uma revolução social (tendo rapidamente abandonado a ideia de iniciar a revolução social simplesmente convocando uma greve geral). Da mesma forma, os anarquistas não veem a greve geral como um ato pelo qual reivindicamos os meios de produção, mas sim como um processo pelo qual os tomamos .

Com isso em mente, discutiremos como a ideia da greve geral surgiu dentro do anarquismo e como ela mudou ao longo dos anos, tirando lições de greves gerais reais que ocorreram, bem como de debates entre anarquistas e dentro do movimento trabalhista mais amplo.

Precursos do Anarquismo Revolucionário

Primeiro, devemos começar antes que o anarquismo revolucionário se desenvolvesse dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores (posteriormente chamada de “Primeira Internacional”).

O primeiro anarquista — ou, mais corretamente, alguém que mais tarde foi considerado anarquista por outros — a levantar a ideia de uma greve geral — uma cessação geral do trabalho — como uma tática foi, de forma um tanto surpreendente, o arqui-individualista Marx Stirner, que observou seu potencial em 1844:

“Os trabalhadores têm um poder enorme em suas mãos e, se um dia se tornassem plenamente conscientes dele e o usassem, nada lhes resistiria; eles teriam apenas que interromper o trabalho, considerar o produto do trabalho como seu e desfrutá-lo. Este é o sentido das perturbações trabalhistas que se manifestam aqui e ali.” [2]

É claro que os meios de produção também são "o produto do trabalho" e, portanto, seus comentários de passagem sugerem uma visão de greve geral como também um ato de expropriação pelos trabalhadores, a apreensão dos meios de produção, bem como de bens previamente produzidos e armazenados em lojas e comércios. Como os produtores então administraram a propriedade apreendida não foi discutido – presumivelmente, Stirner pensava que, como indivíduos únicos, eles seriam os melhores juízes do que queriam, embora seus comentários sobre o impacto negativo da divisão do trabalho sugiram uma perspectiva mais ampla do que aquela geralmente atribuída a ele.

No entanto, é preciso ressaltar que a obra de Stirner não teve qualquer impacto no anarquismo – Proudhon nunca o mencionou, enquanto Bakunin o mencionou uma única vez, de passagem – antes de sua descoberta pelos anarquistas individualistas na década de 1890. Sua influência, por assim dizer, limitou-se a Marx e Engels. No entanto, a aceitação de Stirner pelos anarcossindicalistas de Glasgow nas décadas de 1940 e 1950 – que interpretaram sua noção de "União dos Egoístas" literalmente como "Uma Grande União" – mostrou que suas ideias não eram apreciadas apenas pelos anarquistas individualistas.

O primeiro anarquista autoproclamado, Pierre-Joseph Proudhon, opôs-se a greves por questões econômicas (embora as razões para essa oposição sejam frequentemente distorcidas pelos marxistas e geralmente usadas na tentativa de desacreditar o anarquismo como tal, apesar de Proudhon ser o único a defender essa posição). No entanto, durante a Revolução de 1848, ele defendeu o que foi efetivamente a greve geral para garantir mudanças políticas:

“Basta um conhecimento muito limitado do povo e da máquina governamental para compreender a força irresistível que tal sistema de oposição teria, se fosse anunciado solenemente e energicamente mantido... Se o povo, diziam, se recusasse a pagar seus impostos uma vez, nunca mais os pagaria e o governo se tornaria impossível! Se os cidadãos forem ensinados a se dividir, se a história do povo romano no Monte Sagrado se repetir por meio de um conflito parlamentar, muito em breve os departamentos e províncias se separarão: a centralização será atacada por todos os lados, cairemos no federalismo: não haverá mais Autoridade!” [3]

A referência à Roma Antiga é significativa, pois era marcada pela crescente desigualdade e pela luta política interna entre os patrícios aristocráticos e a plebe. Muitos destes últimos foram presos ou escravizados por não conseguirem pagar suas dívidas. Em 494 a.C., a plebe simplesmente abandonou a cidade em direção ao Monte Sagrado, deixando os patrícios como governantes de uma cidade vazia. Os patrícios não tiveram escolha a não ser negociar, e assim os tribunos da plebe foram fundados para proteger o povo contra a opressão.

O argumento de Proudhon fazia parte de uma discussão mais ampla em suas Confissões de um Revolucionário sobre a resistência civil à Assembleia e ao Governo conservadores opressores, produzidos pelas primeiras eleições da Segunda República. Apesar de sua oposição a greves no campo econômico, ele corretamente via o poder de uma greve geral para domar governos opressores e impor reformas populares que empurrariam a sociedade para a anarquia.

A ala federalista da Primeira Internacional

É dentro da Associação Internacional dos Trabalhadores que a greve geral realmente se torna parte do anarquismo e está entrelaçada com o desenvolvimento do próprio anarquismo revolucionário dentro dessa organização.

A Greve Geral foi levantada pela primeira vez na Internacional pelos delegados belgas em seu Congresso de 1868, quando propuseram uma resolução que “instava os trabalhadores a cessarem o trabalho caso a guerra eclodisse em seus respectivos países” como parte de “tomar as medidas mais vigorosas para impedir uma guerra entre os povos, que hoje não poderia ser considerada outra coisa senão uma guerra civil, visto que, uma vez que seria travada entre os produtores, seria apenas uma luta entre irmãos e cidadãos”. [4] No ano seguinte, seu jornal, L'Internationale, levantou a greve geral como um meio de transformação social:

“Quando as greves se espalham, elas se conectam gradualmente, estão muito perto de se transformar em uma greve geral; e com as ideias de emancipação que agora prevalecem no proletariado, uma greve geral só pode levar a um grande cataclismo que renovaria a sociedade. Ainda não chegamos lá, sem dúvida, mas tudo nos leva lá...

Mas as greves não se sucedem tão rapidamente que o medo é que o cataclismo chegue antes que o proletariado esteja suficientemente organizado? Acreditamos que não, primeiro porque as greves já indicam uma certa força coletiva, um certo acordo entre os trabalhadores; depois, cada greve se torna o ponto de partida para novos grupos. As necessidades da luta impelem os trabalhadores a apoiarem-se mutuamente através das fronteiras e das profissões; quanto mais ativa a luta se torna, portanto, mais essa federação de proletários precisa se expandir e se fortalecer.” [5]

Isto foi imediatamente republicado por Bakunin no jornal internacionalista suíço L'Égalité alguns dias depois, mostrando seu apoio à posição deles sobre a greve geral. [6] A ideia se espalhou rapidamente e em junho de 1870 La Solidarité, um jornal "bakunista" suíço editado por James Guillaume, apoiou a greve geral como uma tática revolucionária como uma greve bem-sucedida em Neuchâtel: "Não estamos longe talvez do momento em que as greves parciais serão transformadas em uma greve geral que colocará os trabalhadores na posse dos instrumentos de trabalho." [7] O

artigo parece prever a greve geral começando em um dia específico com uma demanda específica:

“Em vez de nos arruinarmos com greves parciais, vamos organizar uma greve geral.

Que um único grito ressoe por toda a Europa: cessação do trabalho pela reorganização social! E que nas fábricas, nas minas, nas fábricas, nas oficinas, nos canteiros de obras, silenciosamente, sem fazer muito barulho, abandonemos o trabalho. A sociedade, sob pena de morte, deve então submeter-se à vontade coletiva dos trabalhadores.” [8]

A Federação Belga realizou um Congresso regional em abril de 1873, no qual os delegados discutiram “a questão da greve geral, considerada como meio de efetuar a expropriação da classe capitalista”. [9] No entanto, expressou-se uma tendência a contrastar a greve geral com a greve parcial, o que geralmente não era compartilhado em outros lugares. Em agosto, outro congresso da Federação Belga foi realizado “imediatamente antes do Congresso geral da Internacional Antiautoritária” e “se pronunciou a favor da greve geral”. [10] Em termos práticos, a greve geral foi utilizada, com vários graus de sucesso, durante as Revoltas Cantonais que varreram a Espanha a partir de julho de 1873, durante a Primeira República (Federal). Em algumas cidades – como Alcoy – a greve geral se transformou em revolução, enquanto em outras – como Barcelona – permaneceu uma recusa ao trabalho. [11]

Como era de se esperar, os belgas “levantaram a questão da greve geral no Congresso da Internacional Antiautoritária em Genebra, em setembro de 1873. Eles insistiram na importância da greve geral como uma tática que poderia mobilizar os trabalhadores para a revolução: ‘um meio de trazer um movimento para as ruas e levar os trabalhadores às barricadas’”. [12] Houve uma ampla gama de perspectivas levantadas no debate. Como observado, alguns internacionalistas – particularmente na Bélgica – defenderam a greve geral como uma alternativa às greves parciais, em vez de uma extensão delas, vendo-a como começando em um dia e hora específicos com um objetivo explicitamente revolucionário. James Guillaume expressou uma perspectiva diferente:

“É essencial que todo movimento que irrompa entre os trabalhadores seja simultâneo? O ideal da greve geral, dado o significado atribuído a essas palavras, deveria ser que ela irrompa em todos os lugares em um dia e hora determinados? O dia e a hora da revolução podem ser fixados dessa maneira? Não! Nem precisamos levantar essa questão e supor que as

coisas poderiam ser assim. Tal suposição poderia levar a erros fatais. A revolução tem que ser contagiosa. Seria deplorável se um país não iniciasse uma revolução porque estivesse esperando a ajuda de outros.” [13]

Com algumas exceções notáveis, a greve geral foi apoiada pela maioria dos delegados. Paul Brousse (então anarquista e principal defensor da “propaganda pela ação” [14]) e um delegado espanhol se opuseram à ideia com base em suas experiências em Barcelona (embora outro delegado espanhol a apoiasse devido à experiência em Alcoy), assim como o delegado da Federação Britânica, John Hales, que rejeitou a ideia por acreditar que ela exigia um nível tão alto de pré-organização que era impraticável. O Congresso decidiu emitir uma resolução um tanto branda após a discussão, que foi realizada em privado para não alertar os poderosos sobre possíveis estratégias revolucionárias.

Assim, a ideia da greve geral surgiu das lutas travadas pela Internacional por toda a Europa. De fato, o movimento em direção a uma greve geral foi um resultado lógico da necessidade de solidariedade dos trabalhadores, com, por exemplo, a Federação do Jura argumentando em janeiro de 1874, durante uma greve prolongada, que uma luta mais ampla contra o capital era necessária: “Sim, é preciso reconhecer: o único método de garantir o sucesso das reivindicações dos trabalhadores é generalizar a luta, opor a liga mundial do trabalho à liga universal do capital.” [15]

A greve geral foi novamente mencionada no congresso anual da Federação do Jura em 1874, em um relatório entregue pelo principal militante Adhémar Schwitzguébel:

“A ideia de uma greve geral dos trabalhadores, que poria fim às misérias que sofrem, começa a ser seriamente discutida por associações operárias mais bem organizadas que as nossas. Seria certamente um ato revolucionário capaz de produzir a liquidação da ordem social vigente e uma reorganização conforme às aspirações socialistas dos trabalhadores. Pensamos que esta ideia não deve ser descartada como utópica, mas, pelo contrário, seriamente estudada por nós também” [16]

Assim, em 1873, a greve geral já havia sido convocada, discutida e aplicada dentro da ala federalista da Internacional em toda a Europa. Como era de se esperar, ela refletia as experiências daqueles que a discutiam, mudando à luz dos

acontecimentos e debates, mas a ideia de uma greve geral como meio de revolução social agora fazia parte do anarquismo revolucionário. Como Kropotkin resumiu posteriormente:

“Os trabalhadores nos Congressos da Internacional... discutiram a questão fundamental de uma reconstrução revolucionária da sociedade e lançaram a ideia que desde então se provou tão frutífera – a ideia de uma Greve Geral. Quanto à forma política que uma sociedade reorganizada por uma revolução social poderia assumir, as Federações Latinas da Internacional... pronunciaram-se a favor de uma organização baseada na federação de Comunas livres e territórios agrícolas... Os dois princípios fundamentais do Sindicalismo moderno – “ação direta”, como dizem agora, e a elaboração de novas formas de vida social baseadas na federação dos Sindicatos – estes dois princípios foram, desde o início, os princípios norteadores da Associação Internacional dos Trabalhadores.” [17]

Foi com essa perspectiva que os anarquistas trabalharam dentro dos movimentos trabalhistas de seus respectivos países, além de analisar e aprender com as lutas próximas e distantes.

De 1877 a 1886 – Desenvolvimentos em dois continentes

A onda de greves espontâneas e a revolta popular de julho a setembro de 1877 nos Estados Unidos foram reconhecidas pelos anarquistas na Europa como um exemplo do potencial da greve geral. Iniciada em resposta a um corte salarial, a greve se espalhou pelas linhas ferroviárias e, em muitos lugares, transformou-se em uma insurreição geral, com batalhas campais com as forças armadas do Estado. [18]

Kropotkin escreveu dois artigos sobre os eventos. O primeiro argumentava que o movimento “não proclamou nenhum daqueles princípios que se tornaram tão familiares na Europa por meio da propaganda internacional: a abolição do trabalho assalariado, o estabelecimento da propriedade coletiva, a abolição do Estado. A revolta não tinha bandeira, não estabelecia nenhum princípio, não plantava nenhum marco”. O que era necessário era “ter seções anarquistas da Internacional... nos lugares que haviam testemunhado o triunfo momentâneo da insurreição popular”, para que “o povo, senhor do capital, das fábricas, das oficinas, organizasse o trabalho em seu próprio benefício; como senhor dos palácios, das casas burguesas, instalasse as famílias dos trabalhadores neles; criasse, em uma palavra, uma 'Comuna' como a entendemos”. [19] O segundo lamentava que os socialistas na América estivessem focados em eleições, enquanto os sindicatos se limitavam a questões salariais, defendendo um movimento trabalhista socialista que se organizasse no local de trabalho e promovesse ideias e objetivos socialistas. [20]

Elisée Reclus também comentou sobre essa revolta e, assim como Kropotkin, defendeu a necessidade de transformar um movimento baseado na recusa ao trabalho em um movimento que visa o controle dos trabalhadores:

“Donos das ferrovias, como estiveram em alguns estados por mais de uma semana, os grevistas... teriam tido tempo para expropriar as companhias em virtude de sua autoridade coletiva e administrar, em benefício de todos, as linhas ferroviárias das quais se tornaram temporariamente proprietários. Foi então que a verdadeira revolução teria começado... Em primeiro lugar, a simpatia do povo apoiou os grevistas... mas assim que os preços das mercadorias aumentaram, assim que a circulação geral foi parcialmente interrompida em detrimento das vantagens ordinárias da civilização, eles cessaram... A grande questão ainda é a do pão: a fome dos produtores causou a greve; a dos consumidores pôs fim a ela.” [21]

Como se pode ver, a greve geral estava agora intrinsecamente ligada à expropriação. Isso se refletiu nas resoluções aprovadas em agosto de 1877 em uma conferência de delegados das seções francesas em Chaux-de-Fonds:

5ª resolução – A Federação Francesa resolve que aproveitará todos os movimentos populares para desenvolver, na medida do possível, seu programa coletivista e anarquista, mas apela aos grupos que a compõem para que não comprometam suas forças em benefício da vitória de um partido burguês .

6ª resolução – No caso de ocorrerem greves em locais onde as seções francesas têm influência, as seções da Federação Francesa devem aproveitar a circunstância para dar à greve um carácter socialista revolucionário, instando os grevistas a pôr fim à sua posição de operários assalariados, tomando posse dos instrumentos de trabalho pela força. [22]

É fácil ver como uma assembleia de trabalhadores em greve e seu comitê de greve podem ser transformados em uma assembleia e comitê de local de trabalho para gerenciar seu trabalho sem a necessidade de patrões ou proprietários. Da mesma forma, como a federação de assembleias de grevistas em conselhos poderia ser o meio pelo qual a tomada de decisões sociais pode ser retirada do Estado e de sua burocracia e colocada nas mãos daqueles a ela submetidos, ou seja, a classe trabalhadora.

O Congresso final da Internacional ocorreu em Verviers (Bélgica) em setembro de 1877, mas o fim da Internacional não impediu os anarquistas de aplicar as ideias geradas por ela em seus respectivos países. Na França, por exemplo, no Congresso dos Trabalhadores de Lyon, no início de 1878, eles apresentaram um programa de quatro pontos: “a separação completa de toda política burguesa; a organização de sindicatos para fins revolucionários; a criação de grupos de propaganda e estudo; e a federação desses sindicatos e grupos de estudo a fim de explorar áreas de agitação popular e direcioná-los para fins revolucionários”. [23] Embora as resoluções – Kropotkin, entre outros, ajudou a prepará-las [24] – não tenham sido aprovadas (o parlamentarismo prevaleceu), o anarquista que as apresentou (Ballivet) encerrou seu discurso com uma perspectiva protossindicalista que vale a pena citar:

“Tentarei dizer, em poucas palavras, quais táticas gostaríamos de ver adotadas pelos nossos colegas de trabalho:

Fique o mais longe possível de qualquer expressão da sociedade burguesa;

No terreno das associações profissionais, prosseguir definitivamente a formação de sindicatos; estes, porém, não devem propor apenas a defesa dos salários, mas a abolição do trabalho assalariado, pela apropriação colectiva de todos os meios de produção;

Criar em todos os lugares círculos mistos de estudos sociais para a propagação dos nossos princípios;

Federar de baixo para cima esses sindicatos e esses círculos para estender o mais longe possível seus meios internos e externos de ação para tentar nos imergir naquilo que é produto da atividade popular, tentando dar a seus esforços um objetivo amplo e humano.

Numa palavra, produzir, no próprio coração da sociedade actual, a organização da sociedade livre do futuro; para que no dia em que o desenvolvimento social provocar a morte da sociedade burguesa, a nova sociedade esteja pronta para a substituir. [25]

No ano seguinte, Kropotkin argumentou que os anarquistas buscavam “provocar em vasta escala a transformação do sistema de propriedade pela expropriação pura e simples dos atuais detentores das grandes propriedades rurais, dos instrumentos de trabalho e de capital de todo tipo, e pela apreensão de todo esse capital pelos cultivadores, pelas organizações operárias e pelas comunas agrícolas e municipais. A tarefa de expropriação deve ser realizada pelos próprios trabalhadores nas cidades e no campo”. [26] Ele apontou os anarquistas espanhóis como um exemplo a seguir, “para construir essa força que esmagará o capital no dia da revolução: o sindicato revolucionário. Seções de ofícios, federações de todos os trabalhadores do mesmo ofício, federações de todos os ofícios da localidade, da região” se “apoderariam do solo, dos instrumentos de trabalho, de toda a riqueza social” enquanto “derrubavam o Estado, proclamavam a Comuna livre”. [27] Ele vinculou a necessidade de construir um movimento sindical combativo à revolução social:

“Sendo o objetivo da revolução a expropriação dos detentores da riqueza da sociedade, é contra esses detentores que devemos nos organizar. Devemos nos esforçar ao máximo para criar uma vasta organização operária que persiga esse objetivo. A organização da resistência e da guerra contra o capital deve ser o principal objetivo da organização operária... sendo a greve um excelente meio de organização e uma das armas mais poderosas nessa luta.” [28]

Essa perspectiva foi retomada, ampliada e levada à sua conclusão lógica em dezembro de 1882, quando Kropotkin comentou sobre a Grande Greve de 1877 em

sua discussão sobre a Expropriação como característica fundamental de qualquer revolução social bem-sucedida. Este artigo foi incluído em seu primeiro livro anarquista, "Palavras de um Rebelde", em 1885, e vale a pena citá-lo:

“Pois bem, quando esses dias chegarem — e cabe a vocês apressar sua chegada — quando uma região inteira, quando grandes cidades com seus subúrbios se livrarem de seus governantes, nosso trabalho estiver definido, será necessário que todas as máquinas sejam devolvidas à comunidade, que os bens sociais mantidos pelos indivíduos sejam devolvidos ao seu verdadeiro dono, todos, para que cada um possa ter sua parcela integral de consumo, que a produção de tudo o que é necessário e útil possa continuar, e que a vida social, longe de ser interrompida, possa ser retomada com a maior energia. Sem as hortas e os campos que nos dão os produtos essenciais à vida, sem os celeiros, os armazéns, as lojas que contêm os produtos acumulados do trabalho, sem as fábricas e oficinas que fornecem os tecidos, a serralharia, os mil objetos da indústria e do artesanato, bem como os meios de defesa, sem as ferrovias e outros meios de comunicação que nos permitem trocar nossos produtos com as comunas livres da área circundante e combinar nossos esforços de resistência e de ataque, estamos condenados de antemão a perecer, sufocaremos como um peixe fora d’água que não pode mais respirar, embora banhado inteiramente no vasto oceano de ar.

Recordemos a grande greve dos engenheiros ferroviários que ocorreu há alguns anos na América. A grande massa do público reconheceu que a sua causa era justa; todos estavam cansados da insolência das companhias e alegravam-se por vê-las diminuídas à mercê das suas tripulações. Mas quando eles, donos dos trilhos e das locomotivas, negligenciaram a sua utilização, quando todo o fluxo comercial foi interrompido, quando os alimentos e os bens de todos os tipos duplicaram de preço, a opinião pública mudou de lado. “Antes as companhias que nos roubam e nos quebram braços e pernas do que aqueles grevistas idiotas que nos deixam morrer de fome!” Não se esqueçam! Todos os interesses da multidão devem ser salvaguardados e as suas necessidades, juntamente com os seus instintos de justiça, devem ser plenamente satisfeitos.” [29]

Isso mostrou tanto o poder de uma greve geral quanto a necessidade de transformá-la o mais rápido possível em uma expropriação geral, a fim de reiniciar a produção e a distribuição sob o controle dos trabalhadores — sem mencionar permitir a coordenação para a defesa da revolução e outras funções essenciais.

As greves da Jornada de Oito Horas de 1886 nos Estados Unidos também demonstraram o poder e o potencial de uma greve geral. Inicialmente convocada pela Federação de Sindicatos e Comércio Organizados em 1884, a organização proclamou

que, em 1º de maio de 1886, a jornada de trabalho seria de oito horas, imposta não por leis frágeis, mas pelos próprios trabalhadores. Em 1886, a ideia havia se popularizado, por exemplo, com a adesão da base dos Cavaleiros do Trabalho ao movimento em oposição à sua liderança. [30] Embora inicialmente rejeitasse o movimento como fadado ao fracasso (graças, em parte, às visões residuais de quando eram seguidores de Marx e Lassalle), a anarquista Associação Internacional dos Trabalhadores (IWW) juntou-se à agitação e às greves que eclodiram em 1º de maio. No dia 4 de maio, a polícia atacou uma manifestação pacífica perto do Haymarket, uma bomba explodiu e o Estado teve a desculpa perfeita para esmagar os anarquistas: como Emma Goldman mais tarde disse, “cinco homens tiveram que pagar com suas vidas porque defenderam os métodos sindicalistas como os mais eficazes na luta do trabalho contra o capital”. [31]

Curiosamente, o artigo de Kropotkin sobre “Expropriação” foi traduzido para o *The Alarm* (o jornal em inglês da IWW) e apareceu algumas semanas antes das greves pela jornada de oito horas. [32] Dado que muitos membros da IWW tinham visto ou participado da onda de greves de 1877, seus argumentos claramente ressoaram neles.

A greve dos estivadores de Londres de 1889 e depois

No início da década de 1880, os principais anarquistas perceberam o potencial da greve geral como meio de iniciar uma revolução, mas também os perigos inerentes a ela caso não se transformasse em uma expropriação geral. Sem isso, a greve geral fracassaria simplesmente porque a classe trabalhadora sofreria com a falta de suprimentos necessários. No entanto, o restante da década de 1880 viu muitos anarquistas se deixarem levar pela fanfarronice e pela retórica revolucionária abstrata, em vez do trabalho prático dentro do movimento trabalhista que marcou o final da década de 1860 ao final da década de 1870.

No entanto, o período não foi isento de progressos, pois os anarquistas “desempenharam um papel importante no Sindicato dos Alfaiates, garantindo uma declaração a favor da greve geral numa reunião de membros em 1885”, enquanto uma “tentativa anarquista mais bem-sucedida de radicalizar os sindicatos se desenvolveu quando um importante militante sindical, Joseph Tortelier, juntou-se ao movimento anarquista em 1884 e acabou por conseguir persuadir as câmaras sindicais dos construtores de Paris a declararem-se a favor da greve geral numa grande reunião em Novembro de 1887”. [33]

Estas tendências foram reforçadas pelo exemplo prático da Greve dos Estivadores de Londres de 1889, que inspirou pessoas como Kropotkin e Malatesta a escrever mais sobre a necessidade do envolvimento anarquista no movimento trabalhista. [34] Como o primeiro resumiu muitos anos mais tarde:

“A greve foi uma lição maravilhosa em muitos aspectos. Ela nos demonstrou a possibilidade prática de uma Greve Geral.

Depois que a vida do Porto de Londres foi paralisada, a greve se espalhou cada vez mais, paralisando todos os tipos de indústrias e ameaçando paralisar toda a vida dos cinco milhões de londrinos.

Outra lição desta greve foi demonstrar a capacidade dos trabalhadores de organizar o fornecimento e a distribuição de alimentos para uma grande população de grevistas. A manifestação foi bastante conclusiva.” [35]

Kropotkin escreveu dois artigos para anarquistas franceses sobre a greve. [36] O primeiro argumentou que a Grande Greve dos Estivadores era “o retrato de um povo

se organizando durante a Revolução” e tinha “demonstrado de uma forma que causou arrepios na burguesia até que ponto uma grande cidade está à mercê de duzentos ou trezentos mil trabalhadores”. Foi “a greve geral” que “provou a força dos trabalhadores”, mesmo que não precisasse que “todos os trabalhadores cessassem o trabalho no mesmo dia” e mostrou a necessidade dos anarquistas “trabalharem entre os trabalhadores... para se prepararem para a Revolução social e econômica”. [37] A greve mostrou a milhões de trabalhadores “a inutilidade dos empregadores, cuja nocividade eles conheciam há muito tempo” e confirmou a teoria anarquista – sobre a capacidade dos trabalhadores de se organizarem, o federalismo e a possibilidade de trabalho agradável, “o trabalho da sociedade que alcançou a Expropriação, seguida pelo Anarco-Comunismo”. [38] Da mesma forma que Malatesta, que usou a greve como prova para apoiar o seu anarco-comunismo orientado para o trabalho. [39]

No ano seguinte – 1890 – um artigo anônimo intitulado “Greve Geral” no *Le Révolté* terminou com as palavras: “Queremos livre acordo de trabalho, sem patrões, sem leis, mas simplesmente agrupados por afinidades. Já que a greve geral é a pedra angular da nossa libertação, gritem viva a greve geral.” [40] Louise Michel também dava palestras regularmente sobre a greve geral e publicou um panfleto que proclamava que “O poder está morto... o capital é uma ficção, já que sem trabalho não pode existir, e não é o sofrimento pela República que é necessário; mas a criação da República Social... para todos, uma humanidade livre em um mundo livre.” [41] Isso seria alcançado por uma greve geral expropriatória:

“Tomar posse é mais preciso do que expropriar, pois a expropriação implica a exclusão de um ou de outro, o que não pode existir; o mundo inteiro pertence a todos, cada um então tomará o que precisar... A propriedade individual persiste em existir, apesar de seus resultados antissociais, dos crimes que causa por todos os lados... Uma única greve geral poderia acabar com ela, ela está chegando sem outros líderes além do instinto de vida — revoltar-se ou morrer [não há] outra alternativa... Ninguém pode acreditar que as transformações das sociedades parem conosco e que esta, a mais ilusória das repúblicas, seja o fim do progresso. É a anarquia comunista que está no horizonte por todos os lados [42]

Os impulsos da greve geral faziam-se sentir em todo o mundo, na Alemanha, no Brasil, nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e na Bélgica (nestes dois últimos países, “os grevistas estão a levantar-se por cem mil, em breve serão mais”). [43]).

Os anarquistas demonstraram grande interesse pelo movimento de 1º de maio, que surgiu após a Segunda Internacional aprovar uma resolução tornando-o Dia Internacional dos Trabalhadores. Como outros anarquistas, Kropotkin rejeitou a ideia de que o dia fosse simplesmente um dia para marchas e defendeu que fosse marcado como uma greve geral – pela conquista do Dia das 8 Horas e, potencialmente, como um meio de criar uma situação revolucionária. [44] Assim, enquanto os anarquistas em 1890 e 1891 viam como uma oportunidade para os trabalhadores mostrarem sua força em todo o mundo no mesmo dia, a social-democracia alemã, assim como os burocratas sindicais na Grã-Bretanha, empurraram a celebração do Dia Internacional dos Trabalhadores para o primeiro domingo após 1º de maio. [45] O prestígio dos marxistas alemães dentro da Segunda Internacional provou ser decisivo na visão que dominou a forma como o 1º de maio foi marcado, como Kropotkin lamentou:

“Assim como na Internacional, a ideia da greve geral surgiu e sua implementação parecia iminente, com os diversos setores se unindo, federando-se e indo às ruas em 1º de maio. Eram agitações que precisavam ser contidas a todo custo.

Os marxistas assumiram a responsabilidade por isso. [46]

“O que deveria ter sido o sinal tangível do pacto de solidariedade entre os oprimidos de todos os países”, lamentou Malatesta alguns anos mais tarde, “o que deveria ter sido uma revisão das forças proletárias, o que deveria ter ajudado a preparar o povo para o grande meio revolucionário de hoje – a greve geral – transformou-se na festa do trabalho – e num dia de festa pouco observado!” [47]

Essa decepção não impediu os anarquistas de trabalharem nos sindicatos. Com o movimento em direção a uma participação anarquista renovada e fortalecida no movimento trabalhista em andamento, Malatesta levantou algumas preocupações:

“A greve geral é pregada e isso é muito bom; mas, a meu ver, imaginar ou anunciar que a greve geral é a revolução é completamente errado. Seria apenas uma esplêndida oportunidade para fazer a Revolução, nada mais. Ela poderia se transformar em revolução, mas somente se os revolucionários exercessem influência, força e iniciativa suficientes para arrastar os trabalhadores pelo caminho da expropriação e do ataque armado, antes que os efeitos da fome, o impacto do massacre ou as concessões dos patrões viessem corroer o moral dos grevistas... A greve não deveria mais ser a guerra de braços cruzados.” [48]

A Greve Geral Belga de 1893 viu Malatesta no país. [49] Ele compartilhou suas opiniões sobre os eventos com Kropotkin, que escreveu um artigo para *La Révolte*, observando sua importância em termos de como prenunciava os primeiros dias do que poderia se tornar uma revolução social e a incapacidade dos anarquistas belgas de levá-la além de seu limitado objetivo inicial de garantir o sufrágio universal. Este artigo foi considerado importante o suficiente para que seus argumentos sobre a atividade anarquista fossem resumidos em *Freedom*, que concluía:

“A oportunidade perdida na Bélgica em abril passado deveria ser uma lição útil para todos os anarquistas. Não há dúvida de que, se nossos camaradas tivessem dedicado tanta energia a uma propaganda ativa no movimento trabalhista quanto a bombas falantes e dinamite, o resultado, quando a oportunidade de ação surgiu, teria sido muito diferente. O que poderia ter sido o início de uma revolução social na Bélgica terminou em um fiasco miserável... Quando cada sindicato, cada cooperativa, cada clube, cada associação voluntária de trabalhadores tiver entre seus membros vários anarquistas convictos... então uma verdadeira Revolução Social será uma possibilidade prática imediata. Então haverá homens em todos os distritos prontos para aproveitar a oportunidade oferecida por uma grande greve... Mas tomemos cuidado com a Bélgica e evitemos o erro fatal de nos mantermos alheios aos interesses práticos diários da massa de nossos companheiros trabalhadores. Uma verdadeira Revolução Social jamais poderá ser realizada por alguns entusiastas. É uma mudança operada nas profundezas do povo; uma mudança de coração, mente e espírito em enormes massas de homens.” [50]

Mais uma vez, a importância dos anarquistas organizados dentro dos movimentos populares – como uma greve geral – é vista como fundamental, o meio de transformar um protesto ou revolta em uma revolução social. Uma greve, por maior que seja, por si só, não se tornaria uma revolução automaticamente. O papel dos anarquistas – a minoria militante – foi crucial. Malatesta, da mesma forma, explicou outras lições a serem aprendidas com esses eventos e suas consequências:

“Perguntemos agora aos socialistas parlamentares: se o povo, privado dos chamados direitos políticos, foi capaz, em virtude da força de sua organização, de impor seus desejos ao governo, por que vocês dizem que nada pode ser alcançado sem a nomeação de deputados? E por que, tendo conseguido o sufrágio universal com admirável vigor, não conseguiram conquistar nada de valor desde então? Será porque, sempre que o povo vota, se acostuma a depender do Parlamento para tudo e deixa de fazer as coisas por si mesmo?”

Por outro lado, todo o esforço empreendido para garantir o voto – para o direito de nomear as pessoas de quem se espera determinadas reformas – não poderia ter sido um esforço melhor investido na busca directa das reformas desejadas?” [51]

Sem surpresa, quando os anarquistas buscaram assegurar seu direito como socialistas de participar da Segunda Internacional no Congresso de Londres de 1896, [52] Kropotkin também insistiu que eles “devem também mostrar solidariedade com a ideia da greve geral, em contraste com os políticos que estão usando todos os meios à sua disposição para suprimi-la até o próximo Congresso”. [53] Depois que os anarquistas foram expulsos do Congresso, eles realizaram uma contra-reunião na qual “Louise Michel defendeu a greve geral. Greves parciais fracassam e revoltas parciais fracassam e levam a hecatombes de vítimas dos melhores trabalhadores. Uma greve geral significaria uma revolta geral que não poderia ser reprimida por massacres. Seu dever era organizar os miseráveis e oprimidos para este último grande esforço pela liberdade”. [54] Uma resolução viu a definição de “ação política” se ampliar para além do eleitoralismo insistido pelos marxistas:

“todos os anarco-socialistas concordam que a emancipação das massas trabalhadoras pela luta organizada contra o Capital por meio de uma greve geral é absolutamente impossível sem uma luta sistemática contra o Estado monopolizado... organizem todos os que já estão lutando contra o Capital para uma greve política geral contra o Estado, monopolizado pela classe capitalista” [55]

Os anarquistas ajudaram a garantir que a greve geral se espalhasse pelo movimento sindical francês, tornando-se parte do sindicalismo revolucionário e, a partir daí, espalhando-se internacionalmente — auxiliados por anarquistas ao redor do mundo que a vinham promovendo desde o final da década de 1860. Ela até começou a permear o movimento marxista, com partidos social-democratas desenvolvendo dentro deles defensores da ideia que não se deixariam intimidar por apelos à autoridade de Marx e Engels.

1905 e depois

No alvorecer do novo século, a greve geral era internacional e se espalhava – tanto em termos de defensores quanto de prática. Em 1902, o anarquista-sindicalista alemão Arnold Roller publicou seu panfleto " Der Generalstreik und die Soziale Revolution" (A Greve Geral e a Revolução Social) em Londres, que resumia sua natureza e história. Este foi traduzido em 1905 como "A Greve Geral Social" e Max Baginski e outros o divulgaram na conferência de fundação dos Trabalhadores Industriais do Mundo, em junho daquele ano, onde a veterana anarquista Lucy Parsons falou sobre o assunto aos delegados reunidos:

“Quero dizer que minha concepção do método futuro de tomada de posse desta Terra é a da greve geral; essa é a minha concepção dela. O problema com todas as greves do passado tem sido este: os trabalhadores... entram em greve e saem e passam fome. Seus filhos passam fome. Suas esposas ficam desanimadas... Minha concepção da greve do futuro não é entrar em greve e sair e passar fome, mas entrar em greve e permanecer em greve e tomar posse da propriedade necessária da produção. Se alguém deve passar fome – não digo que seja necessário – que seja a classe capitalista. [56]

Com a Revolução Russa de 1905, seu poder e potencial tornaram-se evidentes. Kropotkin observou acertadamente o surgimento dos soviets e o uso da greve geral:

“Outra característica marcante da Revolução Russa é a ascendência que o trabalho assumiu nela. Não são os social-democratas, nem os socialistas revolucionários, nem os anarquistas, que assumem a liderança da revolução atual. É o trabalho – os trabalhadores. Já durante a primeira greve geral, os trabalhadores de São Petersburgo haviam nomeado 132 delegados, que constituíram um "Conselho [Soviete] da União dos Trabalhadores", e esses delegados haviam nomeado uma diretoria de oito membros... Organizações semelhantes provavelmente surgiram em Moscou e em outros lugares, e neste momento os trabalhadores de São Petersburgo estão se armando sistematicamente para resistir às "gangues negras" absolutistas...

Há muitos anos, a greve geral era defendida pelos trabalhadores latinos como uma arma irresistível nas mãos do trabalho para impor sua vontade. A Revolução Russa demonstrou que eles estavam certos. Além disso, não há a menor dúvida de que, se a greve geral foi capaz de forçar a instituição secular da autocracia a capitular, também será capaz de impor a vontade dos trabalhadores ao capital, e que os trabalhadores, com o bom senso de que deram

provas tão contundentes, encontrarão também os meios de resolver o problema do trabalho, de modo a fazer da indústria o meio não de enriquecimento pessoal, mas de satisfação das necessidades da comunidade.” [57]

Na imprensa anarquista, ele observou que o Soviete “nos lembra muito o Comitê Central que precedeu a Comuna de Paris de 1871, e é certo que os trabalhadores de todo o país deveriam se organizar segundo esse modelo. De qualquer forma, esses conselhos representam a força revolucionária da classe trabalhadora”. Quando os trabalhadores e camponeses “compreenderem a força conferida pela ação direta somada à greve geral” e colocarem “as mãos em tudo o que é necessário para viver e produzir”, então poderão lançar “as bases iniciais da comuna comunista”. [58] Kropotkin enfatizou como isso validava a defesa anarquista da greve geral:

“Foi declarada uma greve geral. “Bobagem! Uma greve geral é impossível!”, diziam os tolos, mesmo naquela época. Mas os trabalhadores se empenharam seriamente em interromper todo o trabalho na grande cidade e obtiveram sucesso total. Em poucos dias, a greve tornou-se geral. O que os trabalhadores devem ter sofrido durante essas duas ou três semanas, quando todo o trabalho foi suspenso e os mantimentos se tornaram extremamente escassos, pode-se facilmente imaginar; mas eles resistiram... Assim que o coração da Rússia, Moscou, entrou em greve, todas as outras cidades o seguiram. São Petersburgo logo aderiu à greve, e os trabalhadores demonstraram as mais admiráveis capacidades de organização... Um país inteiro havia se mobilizado contra seu governo, todos, exceto as tropas... Em poucos dias, a greve se espalhou por todas as principais cidades do império, incluindo Polônia e Finlândia... Toda a vida nas cidades havia paralisado. E o que mais exasperava os governantes era que os trabalhadores não ofereciam oportunidade para atirar neles e restabelecer a “ordem” por meio de massacres. Uma nova arma, mais terrível do que a guerra de rua, havia sido testada e provado funcionar admiravelmente.” [59]

Isso se refletiu nas conclusões de um congresso anarquista russo realizado em 1906:

Os social-democratas consideram os sindicatos dos trabalhadores como uma ajuda em sua luta política; os anarquistas, por outro lado, os consideram órgãos naturais para a luta direta contra o capital e para a organização da ordem futura — órgãos que são inerentemente necessários para atingir os próprios objetivos dos trabalhadores...

Todos nós pudemos apreciar a importância da greve geral para a Rússia em outubro passado, quando até mesmo os descrentes tiveram que admitir seu potencial revolucionário...

podemos declarar corajosamente que a greve geral, proclamada por nossos camaradas da Europa Ocidental como um meio de produzir uma revolução, provou ser uma arma poderosa na luta... no entanto, temos que lembrar que a greve geral não é um instrumento que pode ser usado pela vontade dos comitês centrais e que pode simplesmente ser decretado por uma ordem da maioria dos delegados dos trabalhadores... uma greve só pode ser bem-sucedida quando é desejada por uma grande maioria dos trabalhadores...

Queremos acrescentar que, embora a greve geral seja um bom método de luta, ela não liberta as pessoas que a utilizam da necessidade de uma luta armada contra a ordem dominante... queremos também salientar a necessidade de não perder de vista o trabalho preparatório necessário entre os camponeses e os trabalhadores com o fim de usar imediatamente os primeiros frutos das vitórias que foram obtidas através da greve geral, e... iniciar a expropriação de terras e meios de produção e consumo imediatamente... sempre que isso pareça possível.” [60]

Esta resolução resumiu as lições aprendidas a partir da Internacional – os sindicatos como meio de combater e substituir o capitalismo, o papel fundamental da greve geral como desencadeador de uma revolução social e o reconhecimento de que ela precisava ser estendida tanto à expropriação quanto à insurreição. Pontos de vista semelhantes foram expressos nas resoluções aprovadas sobre o sindicalismo e a greve geral no Congresso Anarquista Internacional realizado no ano seguinte. [61] Malatesta deixou isso claro em seu discurso:

“No que me diz respeito, aceito o princípio [da greve geral] e o promovo tanto quanto posso, e venho fazendo isso há vários anos. A greve geral sempre me pareceu um excelente meio para desencadear a revolução social. No entanto, tomemos cuidado para não cair na perigosa ilusão de que a greve geral pode tornar a revolução supérflua.

Espera-se que acreditemos que, ao interromper repentinamente a produção, os trabalhadores farão a burguesia se submeter à fome em poucos dias. [62] Pessoalmente, não consigo pensar em nada mais absurdo. Os primeiros a morrer de fome durante uma greve geral não serão a burguesia, que tem à sua disposição toda a produção acumulada, mas os trabalhadores, que só têm o seu trabalho para viver.

A greve geral, como nos é descrita, é pura utopia. Ou os trabalhadores, famintos após três dias de greve, voltarão ao trabalho com o rabo entre as pernas... ou ele decidirá tomar os produtos em suas próprias mãos, à força... preparemo-nos para esta insurreição inevitável, em vez de nos limitarmos a exaltar a greve geral como se fosse uma panaceia para todos os males...

Em vez de convidar os trabalhadores a pararem de trabalhar, o que deveríamos fazer é pedir-lhes que continuem trabalhando, mas para seu próprio benefício. A menos que isso aconteça, a greve geral logo se transformará em fome generalizada, mesmo que fôssemos fortes o suficiente para confiscar imediatamente todos os produtos dos armazéns.” [63]

A importância da greve geral como meio de criar uma situação revolucionária era compartilhada por pessoas como Emma Goldman, tão frequentemente caluniada por marxistas e outros como uma espécie de anarquista de "estilo de vida". Assim, vemos ela e seus companheiros instarem a criação de um semanário revolucionário para complementar a Mother Earth "para lidar inteiramente com o trabalho, suas batalhas, esperanças e aspirações", já que o mensal "não pode se dedicar exclusivamente a uma fase específica". O jornal proposto expandiria os artigos sobre a luta de classes na Mother Earth e seria "um campeão combativo do trabalho revolucionário. Devemos levar nossas ideias aos homens que trabalham", especialmente considerando "a importância da propaganda da ação direta e da greve geral", e convocou os anarquistas a colaborar com eles:

“Cabe a nós, como anarquistas, apontar ao trabalhador a verdadeira causa de sua insatisfação, miséria e opressão; incutir nele a ineficiência do sindicalismo, pura e simplesmente; convencê-lo da perigosa inutilidade dos métodos parlamentares. Devemos revelar-lhe suas armas naturais e os poderosos meios disponíveis para se libertar; devemos apontar-lhe os métodos usados com tanto sucesso por seus irmãos europeus: as táticas revolucionárias cujo destino final é libertar o trabalho de toda exploração e opressão e inaugurar uma sociedade livre; as armas modernas e eficientes da ação direta e da greve geral.” [64]

O jornal esperava que “o terrível medo com que a solidariedade do trabalho e o movimento da Greve Geral inspiram os mestres ensinassem os deserdados do mundo inteiro a fazer causa comum e a apreciar ao máximo a poderosa arma em suas mãos” e enfatizou que “a Greve Geral solidária [é] a grande emancipadora do trabalho”. [65] Um exemplo do envolvimento da Mãe Terra com a luta de classes pode ser visto em relação à greve geral na Filadélfia, que viu Voltairine de Cleyre levantar a necessidade de transformar uma greve geral em uma expropriação geral em sua edição de abril de 1910:

“Não há dúvida de que o inimigo reconhece que a arma da guerra industrial no futuro será a greve geral – e a teme... os trabalhadores percebem que deve ser a greve que permanecerá na fábrica, não sairá? Que protegerá as máquinas e não permitirá que nenhum fura-greve as toque? Que se organizará, não para infligir privações a si mesma, mas ao inimigo? Que tomará conta da indústria e a operará para os trabalhadores, não para os franqueados, acionistas e detentores de cargos? Será que sim? Ou serão necessários mais alguns milhares de golpes para que isso lhes entre na cabeça?” [66]

Outro artigo insistia que “o trabalho possui o poder, por meio da ação unida e direta, de pôr fim para sempre à matança generalizada da ganância capitalista... Ajamos por nós mesmos, no local: o controle das fábricas deve estar nas mãos daqueles que nelas trabalham; os meios: ação direta e greve geral, e a sabotagem que alcançou resultados tão esplêndidos no movimento sindicalista da França e da Itália... Por muito tempo, os trabalhadores se sentiram meros 'trabalhadores' e súditos. É hora de lembrar seus direitos como seres humanos e reconhecer sua força para reivindicá-los”. [67] Goldman resumiu a perspectiva do jornal sobre a greve geral:

“Por Greve Geral, Sindicalismo significa a paralisação do trabalho, a cessação do trabalho. Tampouco é necessário adiar tal greve até que todos os trabalhadores de um determinado local ou país estejam prontos para ela... a Greve Geral pode ser iniciada por uma indústria e exercer uma força tremenda... A Greve Geral, iniciada por uma organização determinada, por uma indústria ou por uma pequena minoria consciente entre os trabalhadores, é... logo retomada por muitas outras indústrias, espalhando-se como fogo... O Sindicalismo reconhece o direito dos produtores às coisas que eles criaram; ou seja, o direito dos trabalhadores de se ajudarem se a greve não encontrar uma solução rápida... a Greve Geral se tornará um fato no momento em que o trabalho compreender seu valor pleno — seu valor destrutivo e construtivo, como, de fato, muitos trabalhadores em todo o mundo estão começando a perceber. [68]

As sementes plantadas na Internacional no final da década de 1860 floresceram na década de 1910, à medida que a perspectiva anarquista sobre a greve geral se definia – essencialmente espontânea, disseminada, expropriatória e um meio de criar uma revolução social, e não a revolução em si. Reconhecia-se que a greve geral poderia assumir muitas formas, e os anarquistas buscavam as táticas necessárias tanto para promover greves gerais quanto para impulsionar as que ocorriam em direção a

objetivos revolucionários, com base na análise das ondas de greves ocorridas e nas implicações de concepções anteriores.

Desenvolvimentos dentro do Sindicalismo Revolucionário

O envolvimento anarquista no movimento trabalhista francês foi um dos principais fatores para a ascensão do sindicalismo revolucionário naquele país. Os anarquistas levantaram muitas de suas ideias dentro do movimento – rejeição à campanha eleitoral, luta direta contra o capital, organizações de combate dos trabalhadores tomando os locais de trabalho e a greve geral. É justo dizer que, dada a ignorância e a distorção sobre o anarquismo, muitos consideram essas noções como sindicalistas em vez de anarquistas – incluindo a greve geral. [69] De fato, ela é frequentemente proclamada como a estratégia sindicalista.

Com essas ideias agora associadas à principal federação sindical francesa, a CGT, elas se tornaram mais respeitáveis e foram discutidas dentro dos partidos marxistas, particularmente por aqueles à sua esquerda que conseguiam ver as limitações do parlamentarismo. Em 1904, o importante sindicalista francês Émile Pouget contribuiu com uma história da greve geral para uma edição especial de um importante jornal marxista francês que discutia seus vários aspectos e sua evolução nas fileiras sindicalistas. [70] Ele notou quantas afirmações dos inimigos da greve geral não levaram em conta como a ideia havia mudado dentro das fileiras sindicalistas, de uma greve de "braços cruzados" convocada em um dia específico na década de 1890 para uma greve espontânea e disseminada que rapidamente se moveu para a expropriação e o controle dos trabalhadores (quanto a este último, perspectivas semelhantes foram expressas por sindicalistas britânicos na década de 1910 [71]).

Isso se reflete no romance sindicalista *Como Causaremos a Revolução* (1909), escrito por Pouget com Émile Pataud. Nele, a revolução não foi uma rendição passiva de armas, mas sim um movimento ativo, insurrecional e expropriatório que se espalhou a partir de uma disputa sindical, em vez de ser convocado para um dia específico. A greve geral "logo se transformou em uma greve insurrecional" e "os Grevistas Gerais ocuparam os centros de ação do Governo e expulsaram o representante do Estado". Os sindicatos "do ramo de abastecimento constituíram-se em comissões de abastecimento", enquanto outros, "que, sob o capitalismo, haviam sido sociedades de combate, transformaram-se em sociedades de produção; e cada um, em sua esfera, dedicou-se à reorganização de seu trabalho". Eles também viam a

necessidade da "organização da defesa, com base sindical e federal". Esses "batalhões sindicalistas não eram uma força externa ao povo. Eram o próprio povo" que "teve o bom senso de se armar para proteger sua liberdade conquistada". [72]

Essa visão da greve geral foi repetida em 1930 por Pierre Besnard. A greve geral, explicou ele, era “uma arma especificamente sindicalista ” que pode lidar “de maneira decisiva com todas as situações revolucionárias, quaisquer que sejam os fatores iniciais dos movimentos postos em movimento” [73] , e a contrastou com a ação dos partidos políticos:

Ela se opõe diretamente à insurreição, a única arma dos partidos políticos.

É, de longe, mais completa do que isso. De fato, enquanto esta última apenas possibilita a tomada do poder, a greve geral não só oferece a possibilidade de destruir esse poder, de se livrar daqueles que o detêm, de impedir qualquer partido de conquistá-lo, como também priva o capitalismo e o Estado de todos os meios de defesa, ao mesmo tempo que abole a propriedade individual, substituindo-a pela propriedade coletiva.

Em uma palavra, a greve geral tem um poder de transformação imediata , e esse poder é exercido em benefício exclusivo do proletariado, a quem a posse do aparato de produção e troca oferece os meios de transformar radicalmente a ordem social.

A greve geral expropriatória, com a violência que o proletariado será invariavelmente obrigado a usar, será, além disso, claramente insurrecional.

O seu efeito será sentido ao mesmo tempo a nível político e econômico, enquanto a insurreição permite a um partido atuar apenas no campo político. [74]

Esta foi a “ greve geral insurreccional e expropriatória ” e “da duração desta paralisação [do trabalho] dependerá o futuro do movimento revolucionário”, sublinhou Besnard. [75] A necessidade era reiniciar a produção sob a gestão dos trabalhadores:

“Examinemos agora quais são as características da greve geral. Eu disse que ela significou, em primeiro lugar e acima de tudo, a cessação da produção e do trabalho sob o capitalismo.

Isso significa que os trabalhadores, e depois os camponeses, devem simultaneamente parar de trabalhar. Isso significa que eles devem deixar seus locais de trabalho e entregar os meios de produção aos patrões? Não. Ao contrário do que acontece durante uma greve, os trabalhadores terão que, ao mesmo tempo, parar de trabalhar, ocupar o local de produção,

livrar-se do patrão, expropriá -lo e se preparar para retomar a produção, mas no interesse da revolução.

A cessação do trabalho e da produção marcará o fim de um regime, a expropriação dos possuidores dos meios de produção e de troca e, ao mesmo tempo, a derrubada do poder do Estado.” [76]

As semelhanças com as ideias expostas por pessoas como Kropotkin e Malatesta são claras.

Assim como os anarquistas refinaram sua posição ao longo dos anos, o mesmo aconteceu com os sindicalistas. Isso significa que certas críticas levantadas, por exemplo, pelos bolcheviques, abordavam uma posição há muito descartada pelos principais sindicalistas, refletindo os primeiros anos do movimento ou defendida por movimentos semelhantes, mas de forma alguma idênticos, como o Sindicalismo Industrial (IWW). Isso era de se esperar – os sindicalistas, assim como os anarquistas, buscavam aprender as lições das greves em que se envolveram, bem como abordar as críticas levantadas contra eles por outros membros dos movimentos socialista e trabalhista mais amplos.

Conclusões

Mais, muito mais, poderia ser escrito. As atividades de anarquistas e sindicalistas durante a Revolução Russa de 1917 (que viu os trabalhadores começarem a aplicar as ideias levantadas pelos libertários doze anos antes), nas quase revoluções que eclodiram em todo o mundo no final da Primeira Guerra Mundial e imediatamente depois, a ocupação das fábricas na Itália em 1920, na França em 1936 e 1968 – a lista é longa.

No entanto, o papel da greve geral na teoria anarquista, seu nascimento e desenvolvimento, foram indicados desde a Primeira Internacional até 1914, bem como as mudanças esboçadas dentro do sindicalismo. Como se pode ver, muitas das características do que mais tarde foi associado ao sindicalismo revolucionário foram desenvolvidas dentro da ala federalista da Internacional e do movimento anarquista que dela emergiu. Os anarquistas na década de 1870 perceberam a necessidade de organizar sindicatos que lutassem por conquistas dentro do capitalismo e fossem os meios de substituí-lo, utilizando greves e outras formas de luta direta contra o capital com o objetivo de transformá-las em greve geral e na tomada dos meios de vida pelos próprios trabalhadores.

O apoio anarquista à greve geral é antigo e está intimamente ligado à ascensão do anarquismo revolucionário dentro da Primeira Internacional. No entanto, essa defesa não era acrítica e rapidamente reconheceu – impulsionada pela análise de greves de massa reais – as limitações de uma simples greve geral de “braços cruzados”. Em vez disso, enfatizou-se a necessidade de transformar a greve em uma revolução, de ir além da paralisação do trabalho para a tomada de locais de trabalho. Em suma, a greve geral era vista como um possível início de uma revolução social, mas precisava ir além disso, rumo à expropriação e à insurreição, para atingir seu potencial. Como Kropotkin resumiu em 1904: “A expropriação como fim e a greve geral como meio de paralisar o mundo burguês em todos os países ao mesmo tempo.” [77]

Da mesma forma, dentro do próprio sindicalismo revolucionário, as esperanças iniciais de que a greve geral fosse um caso de cessação do trabalho com a exigência de que os capitalistas entregassem suas propriedades foram substituídas pelo

reconhecimento de que tal visão era utópica e que a greve geral, como os anarquistas argumentavam, tinha que rapidamente se mover em direção à expropriação e à insurreição.

Não é de surpreender, então, que Alexander Berkman tenha resumido essa posição em sua clássica introdução de 1929 ao anarquismo revolucionário:

“A revolução social só pode ocorrer por meio da Greve Geral . A Greve Geral, corretamente compreendida e completamente realizada, é a revolução social... seu verdadeiro significado é revolução, que é o único caminho prático para ela. É hora de aprendermos isso, e quando o fizermos, a revolução social deixará de ser uma quantidade vaga e desconhecida. Ela se tornará uma realidade, um método e objetivo definidos, um programa cujo primeiro passo é a tomada das indústrias pelo trabalho organizado... Não há homem nem grupo de homens que possa administrá-la, exceto os próprios trabalhadores , pois são os trabalhadores que operam as indústrias... a tomada das indústrias... significa... a administração delas pelo trabalho. No que diz respeito à tomada, você deve considerar que os trabalhadores estão agora nas indústrias. A tomada consiste em os trabalhadores permanecerem onde estão, mas permanecendo não como empregados, mas como posses coletivas legítimas... A expropriação da classe capitalista durante a revolução social - a tomada das indústrias - requer táticas diretamente opostas às que você usa agora em uma greve. Neste último caso, você pede demissão e deixa o patrão com a posse total da usina, fábrica ou mina. É um procedimento idiota, claro, pois você dá ao patrão toda a vantagem: ele pode colocar fura-greves no seu lugar, e você fica de fora.

Ao expropriar, pelo contrário, você permanece no emprego e expulsa o patrão... [os trabalhadores] tomam posse (por meio de seus comitês revolucionários de loja) da oficina, fábrica ou outro estabelecimento... a fábrica se torna propriedade pública sob a responsabilidade do sindicato dos trabalhadores envolvidos na indústria, todos parceiros iguais no empreendimento geral.” [78]

Se devem ser sindicatos existentes ou algum novo organismo criado durante a luta (como comitês de fábrica) é assunto para debate entre anarquistas e sindicalistas, mas se ambos forem organizados de forma libertária, então isso é de pouca importância (particularmente porque nenhum sindicato terá cobertura completa e, portanto, qualquer situação revolucionária inevitavelmente verá novas organizações sendo formadas, independentemente). Basta dizer que, em áreas dominadas por sindicatos reformistas, federações de comitês de fábrica provavelmente seriam a opção preferida (como foi o caso dos sindicalistas russos em 1917, por exemplo). Essas

diferenças não devem ser usadas para esconder as semelhanças entre ambas as posições, assim como as diferenças entre comunistas-anarquistas e sindicalistas revolucionários não devem obscurecer o que eles têm em comum, principalmente o apoio à greve geral.

O passado é um prólogo. A chave é conhecer os eventos e argumentos do passado para compreender, aprender e aplicar suas lições em novas circunstâncias e de maneiras que evitem a repetição dos erros cometidos. Sim, sem dúvida, novos erros serão cometidos, mas conhecer o passado pode garantir que, em primeiro lugar, saibamos quando estamos sendo enganados por aqueles interessados em desacreditar as ideias libertárias e, em segundo lugar, e muito mais importante, construir sobre a atividade e a teoria de gerações anteriores de libertários.

Bibliografia

[1] Mick Jenkins, *The General Strike of 1842* (London: Lawrence and Wishart, 1980).

[2] Max Stirner, *The Ego and Its Own* (Rebel Press, London, 1993), 116.

[3] “Confessions of a Revolutionary”, *Property is Theft!* (Edinburgh: AK Press, 2011) 469.

[4] “Resolution on War,” *Black Flag Anarchist Review*, vol. 2, no. 2 (Summer 2022), 20.

[5] “Nouvelles de l’extérieur”, *l’Internationale*, 27 March 1869.

[6] “Organisation et grève Générale”, *L’Égalité*, 2 April 1869 – see Michael Bakunin, “Organisation and General Strike”, *Black Flag Anarchist Review* Vol. 2 No. 2 (Summer 2022).

[7] Quoted by Caroline Cahm, *Kropotkin and the Rise of Revolutionary Anarchism 1872–1886* (Cambridge: Cambridge University Press, 1989), 336.

[8] Quoted by Charles Thomann, *Le mouvement anarchiste dans les montagnes neuchâtelaises et le jura bernois* (La Chaux-de-Fonds: Thesis, 1947), 183.

[9] James Guillaume, *L’Internationale, documents et souvenirs* (Paris: Stock, 1909) III: 81.

[10] Cahm, 222–3

[11] There appears to be no comprehensive account in English of this movement and many accounts of it utilise Engels’ diatribe “The Bakuninists at work”

as if it were an objective work of history rather than a polemic aiming to mock and discredit the opponents of Marxism within the International labour movement utilising articles written by Marxists in Spain who had the same goal in mind. Suffice to say, the “Bakuninists” in Spain did not view the events of 1873 as Engels did and saw no need to reject their politics based on them.

[12] Cahm, 223

[13] Quoted by Cahm, 224.

[14] In the original sense of the term (i.e., trying to spark collective revolts by various means) rather than acts of individual terrorism, as it became synonymous with years later.

[15] Quoted by Cahm, 338.

[16] quoted by Cahm, 225.

[17] “Syndicalism and Anarchism”, *Direct Struggle Against Capital: A Peter Kropotkin Anthology* (Edinburgh: AK Press, 2014), 405.

[18] Jeremy Brecher, *Strike!* (Boston: South End Press, 1972), 1–24.

[19] “Affaires d’Amérique”, *Bulletin de la Fédération Jurassienne*, 5 August 1877.

[20] “Bulletin international”, *L’Avant-garde*, 11 August 1877.

[21] Elisée Reclus, “La Grève d’Amérique”, *Le travailleur: revue socialiste révolutionnaire*, September 1877, 13–14.

[22] James Guillaume, *L'Internationale, documents et souvenirs* (Paris: Stock, 1910) IV, 248–9.

[23] David Stafford, *From Anarchism to Reformism* (London School of Economics: London, 1971), 112.

[24] Cahm, 245

[25] Ballivet, “La représentation du Prolétariat au Parlement”, *La Vie Ouvrière*, 5 May 1910, 533. James Guillaume later linked this speech to “The Ideas of the International” in the article “A propos du discours de Ballivet” published in the leading syndicalist journal *La Vie ouvrière* (5 July 1910).

[26] “The Anarchist Idea from the Point of View of Its Practical Realisation”, *Direct Struggle Against Capital*, 221.

[27] “The Workers’ Movement in Spain”, *Words of a Rebel* (Oakland: PM Press, 2022), 239.

[28] “Workers’ Organisation”, *Words of a Rebel*, 250.

[29] “Expropriation”, *Words of a Rebel*, 199–200.

[30] Brecher, 37–9.

[31] “Syndicalism: The Modern Menace to Capitalism”, *Red Emma Speaks: An Emma Goldman Reader* (New York: Humanity Books, 1998), 87. Initially published in “Syndicalism: Its Theory and Practice” in two parts in *Mother Earth* (January and February 1913), before being revised as a pamphlet the same year, 1913. It should also be noted that Goldman regularly lectured on syndicalism, direct action and the general strike.

[32] “Expropriation”, *The Alarm*, 20 March 1886.

[33] Cahm, 259.

[34] For more details, see Iain McKay, “The London Dock Strike of 1889”, *Anarcho-Syndicalist Review* No. 63 (Winter 2015).

[35] “1886–1907: Glimpses into the Labour Movement in this Country”, *Direct Struggle Against Capital*, 395.

[36] In 1897, these articles were included in a pamphlet with a four page preface and an article by John Burns, one of the strike leaders, entitled *La Grande Grève des Docks* (The Great Dock Strike).

[37] “Ce que c’est qu’une grève”, *La Révolte*, 7 September 1889.

[38] “La grève de Londres”, *La Révolte*, 27 September 1889.

[39] “A proposito di uno sciopero”, *L’Associazione*, 6 October 1889.

[40] “Grève Généralé,” *Le Révolté*, 8 March 1890.

[41] Louise Michel, *Prise de possession* (Paris: Saint-Denis, 1890), 5.

[42] Michel, 12–14.

[43] Michel, 14.

[44] “Allez-Vous En !”, *La Révolte*, 4 October 1890.

[45] See, for example, Peter Kropotkin, “1st May 1891” in *Direct Struggle Against Capital* (this three-part article originally appeared in *La Révolte* on 18 and 25 October and 1 November 1890).

[46] “The Death of the New International”, *Direct Struggle Against Capital*, 338.

[47] “The 1st of May”, *Complete Works of Malatesta* (Edinburgh: AK Press, 2016) III: 63.

[48] “Matters Revolutionary”, *The Method of Freedom: An Errico Malatesta Reader* (Edinburgh: AK Press, 2014), 106–7.

[49] Davide Turcato, *Making Sense of Anarchism: Errico Malatesta’s Experiments with Revolution, 1889–1900* (Edinburgh: AK Press, 2015), 104–8.

[50] “A Word in Season”, *Freedom*, June 1893.

[51] “How to Get... What You Want”, *Complete Works of Malatesta* III:71.

[52] For more details, see Davide Turcato’s “Socialists and Workers: The 1896 London Congress”, *Black Flag Anarchist Review* Volume 1 Number 3 (Autumn 2021) and *Making Sense of Anarchism*, 136–141.

[53] “The Workers’ Congress of 1896”, *Direct Struggle Against Capital*, 348.

[54] *Proceedings of the International Worker’s Congress, London, July-August, 1896* (Glasgow: The Labour Leader, 1896), 65.

[55] *Proceedings*, 65–6.

[56] “Speeches at the I.W.W.’s founding Convention”, *Black Flag Anarchist Review* vol. 2 no. 1 (Spring 2022), 126.

[57] Peter Kropotkin, “The Revolution in Russia”, *The Nineteenth Century and After* (December 1905), 880–1.

[58] “L’Action directe et la Grève générale en Russie”, *Les Temps Nouveaux*, 2 December 1905.

[59] “The Revolution in Russia”, 874–5.

[60] “The Russian Revolution and Anarchism”, *Direct Struggle Against Capital*, 476–7.

[61] *The International Anarchist Congress: Held at the Plancius Hall, Amsterdam, on August 26th-31st, 1907* (London: Freedom Press, 1907), 21–2

[62] Malatesta had in mind statements like the general strike “probably be[ing] the first time that the ruling classes will understand and feel what it means to be hungry” and “[l]et us stop working for them and they will starve in spite of their money.” (Arnold Roller, *The Social General Strike* [Chicago: Debating Club No. 1, 1905], 8, 17).

[63] *The International Anarchist Congress of Amsterdam (1907)* (Edmonton: Black Cat Press, 2008), 124–5.

[64] “To Our Comrades”, *Mother Earth*, September 1907.

[65] “Observations and Comments”, *Mother Earth*, August 1908.

[66] “A Study of the General Strike in Philadelphia”, *Black Flag Anarchist Review* vol. 2 no. 1 (Spring 2022), 60.

[67] M.B., “Everlasting Murder”, *Mother Earth*, April 1911.

[68] Emma Goldman, “Syndicalism”, 95–6.

[69] Space precludes discussing the differences between revolutionary anarchism and syndicalism but this is addressed here: Iain McKay, “Precursors of Syndicalism IV: The Anarchist-Communist Critique”, *Anarcho-Syndicalist Review* 78 (Winter 2020).

[70] “La Grève Générale et Le Socialisme”, *Le Mouvement socialiste : revue bi-mensuelle internationale*, June and July 1904.

[71] Iain McKay, “Tom Mann and British Syndicalism”, *Black Flag Anarchist Review* vol. 1 no. 3 (Autumn 2021).

[72] Émile Pataud and Émile Pouget, *How we shall bring about the Revolution: Syndicalism and the Co-operative Commonwealth* (London: Pluto Press, 1990), 94, 63, 121–2, 158. Kropotkin, it should be noted, suggested in his preface that the authors “have considerably attenuated the resistance that the Social Revolution will probably meet with on its way.” (xxxvi)

[73] Pierre Besnard, *Les Syndicats Ouvriers et la Revolution Sociale* (Paris: CGT-SR, 1930), 249.

[74] Besnard, 249.

[75] Besnard, 252.

[76] Besnard, 251.

[77] “Preface to the 1904 Italian Edition”, *Words of a Rebel*, lii.

[78] Alexander Berkman, *What is Anarchism?* (Edinburgh: AK Press, 2003), 197–8, 207–8.